

Estágio: a prática da docência¹

Simone Sonise Zuffo*

Hélio Sales Rios**

Introdução

Nas instituições escolares bem como nas universidades percebe-se a discussão quanto a formação de profissionais docentes visto que a formação do educador é um fator essencial para o ensino e a aprendizagem dos alunos. Certamente com a existência de profissionais qualificados, competentes, comprometidos e valorizados, quem ganhará será a sociedade, tendo cidadãos criativos e críticos.

Percebemos através da vivência do estágio oferecido para a formação do profissional, a contribuição que este propicia para a compreensão de desenvolvimento da prática a fim de produzir cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres, oportunizando construir a atuação como agentes transformadores da realidade onde nos encontrarmos inseridos. Também garante uma base de conhecimento que favorece ao estagiário a construção de uma consciência no processo de desenvolver a educação, provocando mudanças de comportamento de forma positiva, onde este agirá na busca de condições de vida melhor para si e para a coletividade.

O estágio permite que se vivenciamos experiências profissionais indispensáveis para o desenvolvimento de nossa carreira, encontrando o conteúdo teórico aprendido na faculdade, aplicando na prática e comparando o planejamento e a execução de tarefas e demais procedimentos.

Durante este período de experimentação e vivência, o estudante poderá também conviver com profissionais gabaritados, com anos de experiência em seus serviços, cheios de conselhos para dar aos mais novos. Poderá também participar de atividades

¹ Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Mestre de Educação - Gestão Escolar - Faculdade INTEGRALIZE CORPORATION EDUCAÇÃO E SERVIÇOS DE INTERNET, como requisito para obtenção do título de Mestranda em Educação

* Mestranda em Educação.

E-mail: futuro.futuro@outlook.com.br

** Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1989), especialização em Estudos Brasileiros pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1995), mestrado em Estudos Brasileiros pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1995) e doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2002). Atualmente é Professor Titular I-B da Universidade Metodista de São Paulo. Tem experiência na área de Filosofia, atuando principalmente nos seguintes temas: conflitos no campo religioso, Ecumenismo, MST, História Oral, Observação Participante, Fé e Religião.

corriqueiras do dia a dia da profissão que escolheu, vivenciando situações em que poderá vislumbrar seu futuro como profissional da área.

O estágio funciona como um verdadeiro complemento ao estudo, proporcionando uma nova abordagem ao conhecimento que foi passado pelo professor através de provas, trabalhos, seminários etc. Assim, a retenção dos ensinamentos por parte do aluno é muito maior, uma vez que ele vê tudo acontecendo na prática, nas mais diversas situações. É muito comum ao estagiário lembrar em sala de aula daquilo que realiza no estágio e vice-versa, como se entende em Pimenta e Lima:

O estágio, então, deixa de ser considerado apenas um dos componentes e mesmo um apêndice do currículo e passa a integrar o corpo de conhecimentos do curso de formação de professores. Poderá permear todas as suas disciplinas, além de seu espaço específico de análise e síntese ao final do curso. Cabe-lhe desenvolver atividades que possibilitem o conhecimento, a análise, a reflexão do trabalho docente, das ações docentes, nas instituições, a fim de compreendê-las em sua historicidade, identificar seus resultados, os impasses que apresenta, as dificuldades. Dessa análise crítica, à luz dos saberes disciplinares, é possível apontar as transformações necessárias no trabalho docente, nas instituições (PIMENTA; LIMA, 2004, apud BORSOI, 2008, p. 54).

Tem-se no estágio inúmeros e indiscutíveis benefícios e vantagens, adquire-se experiência, conhece-se novos profissionais, vivencia-se situações de trabalho de nossa futura profissão, aproxima o acadêmico com a realidade profissional, desenvolve a capacidade de observação e de interpretação contextualizada da realidade da educação infantil e das séries iniciais da educação básica, promove atividades de intervenção a partir de um projeto deliberado, que envolvam conhecimentos pedagógicos, contextuais e de áreas específicas, fomenta a pesquisa como base do planejamento das atividades de intervenção e da análise dos resultados, sendo isso, indispensável para nossa formação docente.

Marco conceitual

Concepção de estágio nos anos iniciais do Ensino Fundamental

O estágio supervisionado de anos iniciais no ensino fundamental referente ao curso de pedagogia é fundamental para a efetivação do curso e para integrar o processo de formação. Os estágios obrigatórios fazem parte do processo de formação acadêmica de cada área de formação e estão regulamentados no PPC de cada curso da instituição, mencionados pelo artigo primeiro da LEI 11.788/2008 que relata:

Art. 1º - Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam freqüentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (BRASIL, 2008).

Após um longo percurso acadêmico refletindo sobre a teoria e a prática, contextualizando necessidades e desafios do exercício da profissão e buscando suporte teórico para efetivação do ensino e da aprendizagem torna-se necessário um novo período de exercício da profissão para encerrar mais esta etapa de nossa formação acadêmica. O contato direto com a área de atuação profissional, possibilita perceber com maior proximidade, compromissos, desafios e necessidades da área escolhida, possibilitando ao acadêmico desenvolver novas formas de atuação que possam reparar as falhas e fragilidades que a experiência fez perceber. Esta vivência é de grande importância para a formação acadêmica, pois, a mesma permite analisar nossas habilidades e fragilidades, permitindo maior aprendizado e segurança para o desenvolvimento do ofício.

Outro filósofo que trabalha a questão da epistemologia da prática é Sacristã, considera inseparável a teoria da prática quando se busca tornar o professor sujeito da história: *conhecimento pessoal + ação = novo conhecimento*. O professor reflexivo frente aos problemas se utilizará de seus conhecimentos científicos buscando ver o problema de várias formas, analisando também diversas maneiras para resolver, desempenhando a ação com a que trazer melhor resultado. Neste ponto entendemos que a teoria tem o papel de nos fornecer um suporte para que o professor desempenhe uma ação resolutiva de problema, olhando sempre para outros campos do conhecimento, visando uma formação de sociedade.

Percebemos de que o não é apenas de um componente curricular mas sim de um meio oferecido ao acadêmico, de integração docente, podendo se desenvolver ações concretas, testando seus conhecimentos, desenvolvendo ação, reflexão e interação. O estágio permite que se traga à escola a contribuição de pesquisas e o desenvolvimento das habilidades de pesquisar. O estágio prepara para um trabalho docente coletivo, pois a tarefa escolar não é assunto individual, e sim resultado e ações coletivas. O desafio do estágio é fazer o intercâmbio entre a teoria e a prática.

Durante uma longa trajetória, comentamos e refletimos sobre a teoria e a prática como fatores indissociáveis, pois, a teoria se complementa com a prática e vice-versa. Segundo Pimenta (2011), a teoria pode ser definida e entendida como conhecimentos

obtidos com estudos fundamentados com bases teóricas, relacionada a qualquer assunto, e a prática resulta da associação desta teoria em forma prática, com o uso de conhecimentos obtidos e concretizados. Desta forma, é no estágio que a práxis ocorre, no contexto escolar que se evidencia a complementação da teoria e da prática, ligando conhecimentos obtidos com a prática docente e fortalecendo desta forma o vínculo de extensão entre escola e universidade.

Concepção de infância

Desde a antiguidade, mulheres e crianças eram menosprezadas, sem tratamento diferenciado, e às crianças não era disponibilizado tempo para viver a infância. Até por volta do século XII a infância na arte medieval era desconhecida (ARIÈS, 1978).

Vê-se que a criança era vista como um objeto de manipulação e assim que apresentasse independência física, era inserida no mundo adulto. Os estágios de desenvolvimento da infância estabelecidos pela sociedade atual eram desconhecidos na Idade Média e a socialização da criança não era controlada pela família, tendo o desenvolvimento da educação e aprendizagem juntamente com os adultos; sem restrições.

Contextualizando a criança, percebe-se que com o fim da Lei do Ventre Livre e o Fim da Escravatura, teve início uma preocupação dos estados com a situação das crianças, sendo anteriormente responsabilidade dos donos de escravos. Desta forma a criança passou a ser vista como um futuro cidadão, construtor da história do mundo em que vive (LOBO, 2003).

Assim o estado atuou com os profissionais da medicina estabelecendo normas, buscando a prevenção de doenças, intervindo na relação familiar, reconhecendo a Mãe como Rainha do Lar, responsável pela educação dos filhos, visando a formação de uma família moderna e mais segura. Nesta postura social surgiram os termos “menor” e “criança”; o termo “menor”, era utilizado para designar crianças que haviam cometido algo de errado – “MENOR INFRATOR”, e o termo “criança” era utilizado para aquelas crianças ligadas a família e escola que não dependessem de interferência de órgãos diferenciados para a sua educação.

A preocupação intensa com a criança a partir do fim do século XVI, e durante o século XVII, abriu espaço para o início uma mudança no processo de educação reconhecendo a diferença da criança com o indivíduo adulto. No início do século XVII houve uma responsabilidade maior da família com a educação dos filhos e no espaço escolar as crianças foram separadas das mais velhas.

Vale ressaltar que de acordo com a leitura de Ariès (1978), passou a ser defendida por alguns autores a participação de todas as crianças na escola, propondo para isto acontecer, o desenvolvimento de uma educação diferenciada de acordo com as classes sociais. No entanto no século XVIII, os ricos foram separados dos pobres passando existir dois tipos de ensino. Porém, com o capitalismo e a mão-de-obra infantil ficou favorecida a propagação da desigualdade e os diferentes valores considerados às crianças, baseando-se em poder aquisitivo e tarefas por elas efetuadas.

Ariès nos aponta, o surgimento de uma nova educação no século XIX, onde a sociedade não percebia mais a criança como fraca, mas buscava despertar no adulto a responsabilidade pelas crianças, com o compromisso de torná-las dignas.

Ancoradas em estudos elaborados sobre o mundo da infância, entende-se que as crianças são e devem ser reconhecidas como atores na construção de sua vida social e da vida daqueles que a rodeiam, devendo ser compreendida como um sujeito de direito garantido em lei.

Concepção de educação

Entendemos a escola como uma instancia erigida pela sociedade, percebe-se que esta vem a se incumbir de garantir que as novas gerações tenham acesso ao legado cultural da humanidade. Vimos a escola como um espaço geográfico e histórico onde a educação se dá de forma intencional, estruturada, sistematizada e explícita. Nela o conhecimento é assimilado, apropriado e construído ativamente, revestindo-se de criticidade e inovação, colaborando para o avanço cultural e atendendo às novas necessidades do ser humano. Nesse contexto, a própria escola se transforma conforme as inquietações, as percepções, as mediações e as superações impostas pelas situações diárias.

A educação possui referencial e legislação específicos nos âmbitos federal, estadual e municipal, aqui se destaca a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9.394 de 20 de Novembro de 1996, de âmbito federal especialmente em seu capítulo III, dos Princípios e fins da Educação Nacional, Art. 2º, o qual determina que a educação é “[...] dever da família e do estado, inspirado nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana”, tendo por finalidade o “[...] pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para trabalho” (BRASIL, 1996).

Nestes termos a educação deve ser entendida como uma forma de interação das pessoas com o meio em que vivem, em condições de respeito e valorização de todos durante o processo educativo.

De acordo com os conhecimentos obtidos, a educação é o meio que permite ao homem formar-se e construir-se em um ser digno e consciente de suas ações, podendo transformar a sociedade; além de ser um instrumento mediador entre o senso comum e o conhecimento científico, atuante também no sentido de despertar a sensibilidade e a criatividade a fim de construir um ser completo, crítico e pensante.

O conhecimento é como uma produção histórica social. Sua construção está vinculada ao processo de ação – reflexão sobre a práxis social, a partir de sua problematização, da análise e da compreensão teórica dos elementos e suas inter-relações (MARCHIORATO, 2004).

Assim sendo, o conhecimento não é algo situado fora do indivíduo, a ser adquirido por meio de cópia do real, tampouco algo que o indivíduo constrói independentemente da realidade exterior.

A produção de novos conhecimentos pressupõe a superação dos anteriores. Hoje a sociedade tem mais acesso ao conhecimento, exigindo não apenas que as pessoas aprendam cada vez mais coisas, mas que aprendam de várias formas, no âmbito de uma nova cultura de aprendizagem que também concebe e gere o conhecimento.

Nesse sentido o valor crescente do conhecimento, assim como sua gestão social na sociedade, faz com que seja necessário valorizar os diferentes processos de aquisição do conhecimento, que acreditamos serem ferramentas poderosas para incorporar no currículo conteúdos vinculados à realidade de vida dos alunos.

Tendo por análise a educação para todos, buscamos reconhecimento e valorização da diversidade e das diferenças individuais como elementos intrínsecos e enriquecedores do processo escolar e a garantia do acesso a permanência do aluno na escola. Acredita-se para tanto, que os sujeitos podem aprender juntos, embora com objetivos e processos diferentes, tendo em vista uma educação de qualidade.

Especiais devem ser consideradas as alternativas educativas que a escola precisa organizar, para que qualquer aluno tenha sucesso; especiais são os procedimentos de ensino; especiais são as estratégias que a prática pedagógica deve assumir para remover barreiras para a aprendizagem. Com esse enfoque temos procurado pensar o especial da educação, parecendo-nos mais recomendável do que atribuir essa característica ao alunado (CARVALHO, 2000, p. 17).

Tal conceito remete a mudanças significativas no contexto escolar no que se refere às questões pedagógicas, relacionais, administrativas e institucionais, garantindo a aprendizagem de todos os alunos, tendo em vista o respeito pela diferença.

Podemos entender que a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais implica redimensionamento curricular dos processos de ensino-aprendizagem, bem como do acesso aos diferentes espaços físicos da instituição.

Partindo da premissa de que quanto mais a criança interage espontaneamente com situações diferenciadas, mais ela adquire o genuíno conhecimento, fica fácil entender porque a segregação não é prejudicial apenas para o aluno com deficiência. A segregação prejudica a todos, porque impede que as crianças das escolas regulares tenham oportunidade de conhecer a vida humana com todas as suas dimensões e desafios. Sem bons desafios, como evoluir (WERNECK, 1999, p. 12-13).

Dessa forma, a escola deve buscar organizar suas práticas pedagógicas, possibilitando a individualização do ensino de acordo com as particularidades de cada aluno. Pressupõe-se, sobretudo um trabalho de planejamento coletivo e de colaboração entre os profissionais, centrando-se no contexto do grupo, atendendo não só os alunos com necessidades educacionais especiais, mas também as eventuais especificidades dos demais alunos, contribuindo, dessa forma, com o processo de inclusão escolar. As adaptações curriculares, tanto no que se refere às adaptações dos objetivos, dos métodos, como também da avaliação, entende-se que devem ocorrer como uma das formas mais específicas de contemplar as necessidades individuais dos alunos.

Santos defende que

[...] é preciso que tenhamos o direito de sermos diferentes quando a igualdade nos descaracteriza e o direito de sermos iguais quando a diferença nos inferioriza (SANTOS, apud RODRIGUES, 2006).

Além disso, percebe-se que as discussões a respeito da inclusão devem ser ampliadas e estendidas a toda a comunidade escolar, para que haja o entendimento e respeito às diferenças, já que somos todos diferentes com um jeito próprio de pensar e agir.

Interação, socialização e aprendizado: construindo conhecimento

Este relato busca analisar as atividades desenvolvidas no período de estágio e docência, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, que ocorreu na EEB. Bom Pastor, fundamentando-as e relacionando-as com temas estudados em sala de aula.

O currículo do Ensino Fundamental é elaborado e composto com temas relacionados a formação humana e social do indivíduo, abrangendo também relações sociais, econômicas, políticas e ambientais, objetivando a formação de um ser humano crítico, pensante, que saiba agir e interagir na sociedade de forma consciente. Neste período o processo de aprendizagem se amplia cada vez mais em todos os sentidos, pois a percepção e o raciocínio lógico fazem compreender de forma mais clara e objetiva, como acontece o processo de aprendizagem. Nesta nova fase da educação, a criança começa a ter mais noção sobre os valores humanos éticos e universais, que compreendem o processo de formação humana.

Neste período caracterizado pela educação do Ensino Fundamental que se inicia aos sete anos de idade, a criança começa a frequentar a escola, conviver e socializar com outras crianças desta mesma faixa etária, que vivenciam este mesmo processo de formação. Desta forma, ocorrerá a formação de vínculos afetivos e sociais que fortaleceram os elos de amizade e interação, oportunizando novas descobertas e servindo de suporte para superar os desafios e dificuldades desta nova fase. A independência começa a ser aprimorada e a criança começa a assumir novas responsabilidades, que serão percebidas gradualmente, conforme a criança avança de uma fase para outra. A convivência com as diversidades sociais, culturais, econômicas, entre outras, farão a criança aprimorar seus conceitos, formando uma nova visão e percepção sobre a realidade que a cerca. Este convívio com diversas realidades, também oportunizará a criança estabelecer relações cognitivas e efetuar a troca de saberes, pois, é na interação e socialização que o aprendizado acontece. Desta forma, o vocabulário também se amplia e a comunicação melhora, ampliando e diversificando os assuntos, já que novas informações são fornecidas diariamente e novos temas são estudados e apresentados gradualmente.

O desenvolvimento físico é notável, já que a criança está em fase de desenvolvimento, com isso o desenvolvimento intelectual também acontece e a personalidade da criança vai se evidenciando, percebendo as causas e efeitos de seus atos. O estágio foi algo muito significativo para nossa formação profissional, pois, atuando de forma concreta, e assumindo o papel de professoras, podemos perceber os desafios cotidianos enfrentados em sala de aula, e a importância de uma boa formação

acadêmica, que de suporte e sustentabilidade para encarar e solucionar os obstáculos e desafios com que nos deparamos diariamente.

Nossa experiência como docentes neste período de estágio foi assim, tivemos momentos de superação e satisfação, mas, também vivenciamos nossos pontos fracos, percebendo que sempre devemos buscar mais e nos aperfeiçoar continuamente para o exercício da profissão, que exige uma boa formação, e uma grande bagagem de conhecimento para oportunizar o conhecimento aos nossos educandos. Como pontos positivos, podemos destacar: a receptividade da turma, da professora regente e da equipe pedagógica da escola. Também podemos destacar a troca de saberes recíprocos, entre nós e os educandos, que nos oportunizaram vivenciar novos saberes e ampliar nosso olhar holístico e social sobre a realidade escolar. Formamos um “elo” com a turma, neste período de estágio, exigindo de nós, superar as demandas e as necessidades que este grupo nos apresentava. Como pontos negativos, podemos destacar a falta de sincronia entre nós durante os planejamentos e a execução dos mesmos, que por motivos imprevistos, dificultaram nossos encontros e a sequência e continuidade das atividades, porém, no decorrer do trabalho as coisas foram se ajustando e tudo correu bem.

Através disso, iremos relatar a vivência que tivemos nesse período de estágio nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com uma turma do quinto ano, no período da manhã, com crianças que giravam em torno de onze anos de idade, sendo: trinta crianças, a professora regente da turma, um professor para artes e uma professora para educação física. O estágio ao todo consistiu em dois períodos: o da observação, que ocorreu no período entre os dias 12/09/2016 e 21/09/2016, e o período da docência que foi realizado entre os dias 17/10/2016 e 01/11/2016, totalizando 12 dias para o exercício da docência, neste período tivemos um intervalo onde podemos fazer o planejamento e preparar as atividades. Por meio deste, queremos descrever e analisar diferentes atividades desenvolvidas com esta turma, referenciando-as cientificamente, e avaliando momentos significativos presenciados neste contexto com todos os envolvidos neste processo.

Neste período de observação e docência percebemos a importância que têm uma equipe pedagógica unida, em prol de um objetivo. A educação de qualidade só acontece de fato quando os profissionais da educação da instituição cooperam uns com os outros, falando em uma mesma linguagem, e auxiliando nas fragilidades do grupo.

Uma das atividades que desenvolvemos com os alunos, no primeiro dia de aula, foi a dinâmica de interação, O PRESENTE, através dela fizemos reflexão sobre as qualidades humanas, oportunizando os alunos a se conhecerem, refletirem sobre como

o outro me vê. Do jeito que ele me vê é como eu quero que ele me veja, e então o que eu preciso fazer?

Através desta ação, a turma se reuniu em cinco grupos para construírem uma dinâmica de início das aulas na semana seguinte, que, de acordo com Vygotsky,

[...] “a construção do conhecimento implica em uma ação partilhada, exigindo uma cooperação e troca de informações mútuas, com conseqüente ampliação das capacidades individuais”. Ainda segundo Vygotsky, os seres humanos, diversamente dos animais, produzem os instrumentos necessários à efetivação do trabalho, sendo capazes, também, de conservá-los para uso vindouro, preservar e transmitir sua função aos membros de seu grupo, aprimorar instrumentos e criarem novos (VYGOTSKY et al., 1989, apud ROCHA; QUEIROZ; LIMA; POMPILIO; HENRIQUE, 2013, p. 4).

Com este embasamento foi proposta a atividade que se desenvolveu da seguinte forma:

Grupo 1: Apresentou um texto sobre o *Meio Ambiente*, dialogando sobre a importância de se cuidar do mesmo.

Grupo 2: *A sorte e de quem tem.* No sorteio dos bilhetes cada um deveria fazer o que nele estava escrito e quem tivesse castigo deveria mastigar um chiclete com pimenta sem fazer cara feia, quem conseguisse isso era premiado com chiclete sem pimenta.

Grupo 3: *Descubra o que represento.* Com a mímica que o grupo fazia a turma descobria o que significava. Quem acertava ganhava um pirulito.

Grupo 4: Construiu um texto sobre *Valores Humanos*, trazendo a importância destes para sermos bons cidadãos.

Grupo 5: Apresentou a poesia *O Vento*, seguida da brincadeira *Fale uma palavra que não contenha a letra “C” e nem com “S” que esteja relacionado com a palavra “Ponte”*. Isto estimulou o raciocínio e a interação entre a classe.

Esta atividade foi produtiva fazendo os alunos pensarem, dialogarem, elaborarem e apresentarem um fruto de seu empenho.

A atividade sobre o trabalho de fontes de energia desenvolvida na Biblioteca em horário de aula, com o propósito, além de buscar o conhecimento, conhecer a forma como realizavam os trabalhos em grupos, foi surpreendente.

Os alunos sentaram em torno da mesa, um fazia a leitura do conteúdo de um determinado item, quando acabava dialogavam o que entenderam; o que você achou? Após isto, um escolhido pelo grupo, observando a agilidade na escrita, repassava no papel. Quando tinham dúvidas que o conteúdo não trazia, solicitavam o auxílio das estagiárias.

Esta atividade teve início na sala de aula e concluiu-se com trabalho extra classe, sendo apresentada no penúltimo dia de estágio. Foi solicitado para a apresentação um relatório e uma representação da fonte, porém a forma que utilizariam ficou a critério do grupo. A apresentação se deu com relatório e representação em cartazes e maquetes apresentados a seguir:

Figura 1 – Representação das formas de energia



Fonte: Os autores (2016).

Esta ação superou nossas expectativas pois imaginávamos que a turma realizaria a atividade de forma diferente, no que diz respeito a participação de um grupo produzindo ideias.

Além destas atividades foi desenvolvido um jogo de quebra-cabeça, referente ao tema “propaganda”, do componente curricular de português. Inicialmente, nas primeiras duas aulas abordamos o tema propaganda, refletindo com os alunos alguns conceitos sobre propaganda. Indagamos aos alunos conceitos sobre propaganda. O que é uma propaganda? Qual é o objetivo? Onde elas aparecem? Qual são os pontos positivos e negativos? Posteriormente a esta abordagem passamos na lousa um

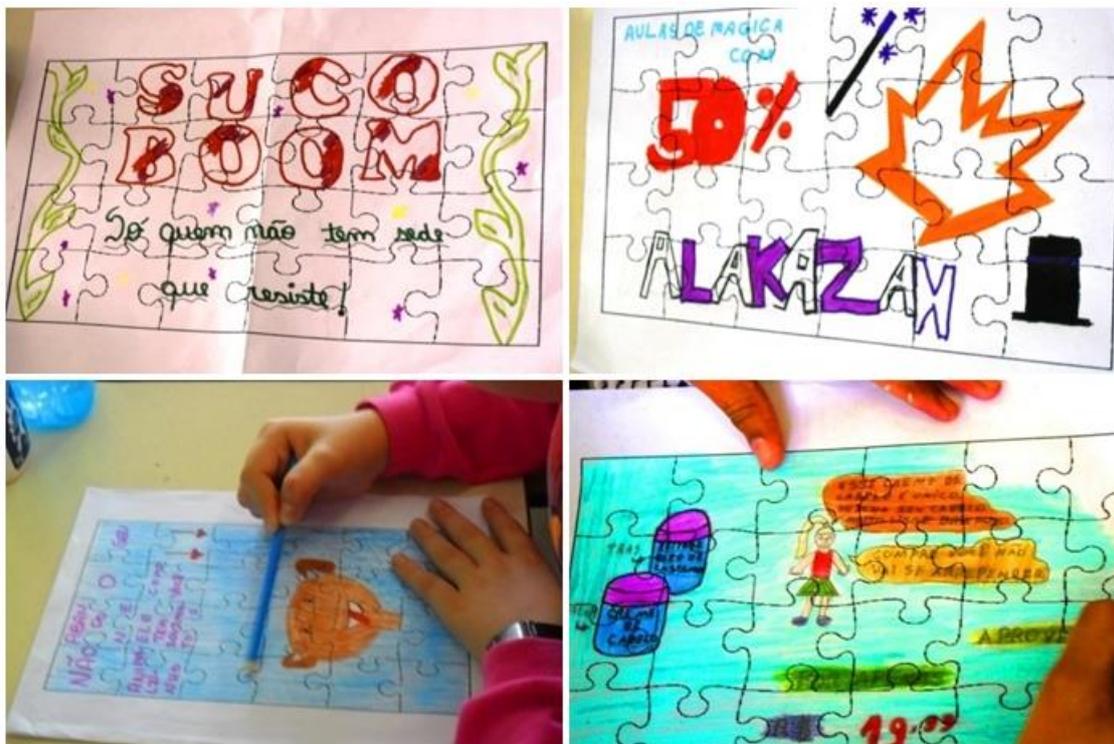
conceito sobre propaganda e publicidade com as devidas perguntas. Em seguida solicitamos que construíssem uma propaganda no caderno como se eles fossem os modelos ou os donos da marca de um determinado produto. Posteriormente a isso, eles teriam que repassar a propaganda em folha de papel ofício, desenhando, colorindo o produto e vendendo a marca ou produto. Feito isso, esta folha seria colada em folha 60K e recortada em forma de quebra-cabeça. Em uma próxima aula os alunos poderiam trocar os jogos e montar os quebra-cabeças.

Com esta atividade os alunos puderam explorar a criatividade, a ludicidade, manifestando suas expressões artísticas e formas de criar, oportunizando-os a construir um trabalho próprio e a entender melhor qual é a intencionalidade de uma propaganda. Segundo o site Nova Escola², Paulo Freire diz que: “o aluno deve primeiro aprender a ler o mundo para depois transformá-lo”. Despertando a criticidade no aluno, este aprenderá a olhar o mundo a sua volta de outra forma, sendo um sujeito que participa das decisões e dos rumos da sociedade. Paulo Freire também coloca em seu livro, pedagogia do oprimido, que a autonomia e a dignidade de cada um, é um direito e não um favor, pois é através da dialogicidade que se constrói e se aprende. É preciso respeitar o trabalho e a forma de criar de cada um, assim como devemos respeitar e aceitar as diferenças culturais que constituem e formam nossa humanidade.

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. (...) É nesse sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos. É preciso deixar claro que a transgressão da eticidade jamais pode ser vista como virtude, mas como ruptura com a decência. O que quero dizer é o seguinte: que alguém se torne machista, racista, classista, sei lá o quê, mas se assuma como transgressor da natureza humana. Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar (FREIRE, 1996).

² Disponível em: < <http://novaescola.org.br/conteudo/460/mentor-educacao-consciencia>>.

Figura 2 – Autonomia do educando



Fonte: Os autores (2016).

Outra atividade significativa desenvolvida com os alunos diz respeito aos símbolos oficiais de Santa Catarina, do componente curricular de história. O tema proposto exigia que falássemos sobre os símbolos oficiais de Santa Catarina, estes são representados pelo Hino Nacional, a bandeira de Santa Catarina e o Brasão, desenhado na bandeira com todos os símbolos apresentados ali. Para isso, inicialmente os alunos foram divididos em grupo de cinco, totalizando seis grupos, onde cada grupo ficou com um símbolo representado na bandeira para pesquisa em laboratório. São eles: brasão, âncora, águia, barrete frígio, a inscrição, a chave e as cores.

Posteriormente a isso, na segunda aula, retornamos para a sala de aula, onde a turma toda confeccionou a bandeira de Santa Catarina, fixamos a bandeira oficial na lousa localizando cada símbolo. Ampliamos a bandeira de Santa Catarina em papel preto e branco, onde cada grupo coloriu o respectivo símbolo que pesquisou no laboratório, falando o significado do mesmo. Outra atividade pertencente a este tema foi com o hino nacional, onde cada aluno recebeu uma cópia do hino, após realizar a leitura do hino cada aluno escolheu uma estrofe do hino e representou em forma de desenho o que havia entendido sobre aquela estrofe.

Figura 3 – Símbolo oficial de Santa Catarina



Fonte: Os autores (2016).

De acordo com Vygotsky, citado em EFDeportes.com, Revista Digital (2013), o trabalho em equipe possibilita desenvolver habilidades, compartilhar experiências e aprimorar saberes, onde a cooperação e a união da equipe possibilitam a soma de múltiplos saberes, resultando em uma soma de conhecimentos.

Contextualizando os dados da observação e docência

Contextualização do processo de docência

De acordo com nossa atuação de estágio na turma de 5º ano, matutino, composta por 30 alunos com idades entre 10 e 11anos; percebe-se ser esta, uma turma participativa no convívio escolar, também conhecemos alguns pais que se apresentavam na escola ao levarem seus filhos, ou porque na instituição trabalham.

A adaptação dos alunos foi boa, os alunos são regrados e na sua maioria conversavam naturalmente e relatavam fatos da vida diária, devido a isto não propomos acordos para a turma durante o período no que tange a comportamento.

A turma quando conversava usava um timbre de voz moderado, para expressar suas vontades e sentimentos. Percebemos grande interesse dos alunos por conteúdo relatado e não somente lido, cito a aula de história sobre a Guerra do Contestado, onde nos utilizamos de gravuras impressas, relatando cenário e personagens.

Este planejamento de ação foi preparado buscando criar uma rotina que não cansasse os alunos, pois tínhamos percebido no período de observação, de acordo com

relatos de alunos, que os mesmos não gostavam muito de escrever, assim a rotina se desenvolveu em ações diversas com dinâmicas de socialização.

Os horários de entrada e saída foram levados a rigor, porém a saída de 5 minutos antes do horário para quem dependia de transporte foi respeitado. Durante o momento de realização das ações educativas a professora regente permanecia na sala auxiliando-nos caso fosse necessário, o qual nos trouxe grande aprendizado. Os alunos possuem famílias que pertencem ao padrão econômico de classe média à alta e devido ao acesso aos recursos tecnológicos possuem um bom conhecimento, sendo desinibidos e questionadores tornando fácil nossa interação.

O estágio contribuiu plenamente para o contato com uma sala de aula, possibilitando o entendimento de que podemos oferecer o melhor de nós fazendo a diferença no lugar que nos encontramos. Neste período desenvolvemos atividades sobre os temas propostos pela professora regente, os quais constavam no cronograma de conteúdos para o ano letivo.

Considerações finais

Este período de estágio evidenciou o valor que têm uma boa formação acadêmica para o exercício da profissão. A presença física no espaço de atuação profissional, fez perceber os compromissos e responsabilidades do docente para com seus alunos, com os pais dos alunos, com a equipe pedagógica e com a sociedade em geral.

Ser professor vai muito além de transmitir o saber ou repassar matéria, ou ainda dar sequência nos conteúdos de um livro. Ser professor exige postura, ética, compromisso, sabedoria para oportunizar a aprendizagem e o desenvolvimento aos seus alunos. Reconhecer o seu papel na sociedade é fundamental para saber como e de que forma se posicionar frente as situações trazidas por seus alunos. Hoje o professor precisa ter consciência que não é o ser detentor do conhecimento, mas se encaixa no processo de ensino aprendizado como articulador, como um facilitador do aprendizado, devendo reconhecer e assumir este perfil.

Nas leituras durante o percurso formativo, Paulo Freire em seus escritos, já afirmava a educação como o fator de grande desenvolvimento social, político, humano, libertador e para isso o professor precisa olhar a realidade onde ele está inserido e enxergar essa realidade, é preciso conhecer quem é o aluno, de onde ele vem, como ele vive e principalmente saber o que ele traz consigo, pois este aluno não é um ser que irá iniciar o aprendizado naquele momento, ele já sabe alguma coisa.

Percebe-se que uma das responsabilidades do professor é buscar mecanismos que levem os alunos a interagirem com o mundo, se relacionando com o conhecimento adquirido, com o saber que está a sua frente, a partir do senso crítico e do ponto de vista de cada um. Porém esses detalhes são etapas que precisam constar no planejamento do professor construindo um caminho a seguir em busca dos objetivos e assim poder avaliar o aluno durante todo o processo de ensino aprendido, oportunizando o professor a melhorar a forma de ensinar durante o processo, para que o aluno aprenda de forma mais objetiva.

A observação através do estágio foi algo positivo para o processo da docência, pois, por meio da observação pode ser percebido o desenvolvimento, as diferentes personalidades, diferenças sociais e formas de comportamento de cada um. Tal fato permitiu uma melhor postura para com os alunos, pois já existia um contato e uma breve relação de amizade e proximidade com eles.

A experiência como docente no ensino fundamental foi positiva, primeiramente, porque melhora nossa forma de agir, nos aperfeiçoa e nos torna melhores como profissionais da educação. O mesmo também fez perceber o quanto são valorosas, experiências antecipadas em sala de aula, para o exercício da profissão. A teoria e a prática andam juntas, são indissociáveis e ambas se complementam, uma isolada da outra, não oportunizará um ensino de qualidade, e a formação do educador estará prejudicada.

Por meio do estágio, além de assumir as responsabilidades da profissão, foi possível efetuar avaliação como docente, analisando as fragilidades particulares e pontos a serem melhorados. Este permitiu ampliar conhecimentos relacionados ao ensino fundamental e ao contexto escolar, qualificando como profissional, além de receber toda alegria e gratidão que as crianças ofereciam.

Referências

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução de D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

BORSOI, B. L. O estágio na formação docente: da teoria à prática, ação-reflexão. In: 1º SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – XX SEMANA DA PEDAGOGIA, 2008, Paraná. **Anais...** Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, Paraná, 2008.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 23 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: mar. 2021.

Educação em debate em novos tempos: políticas e práticas

Estágio: a prática da docência

DOI: 10.23899/9786589284147.13

BRASIL. Lei 11.788/2008, 25 de setembro de 2008. **Diário oficial da União**, Brasília, DF, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm>. Acesso em: mar. 2021.

CARVALHO, R. E. **Removendo barreiras para a aprendizagem**: educação inclusiva. Porto Alegre: Mediação, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Coleção Leitura. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LOBO, L. F. Higienismo e normalização da infância no Brasil. In: JACÓ-VILELA, A. M.; CEREZZO, A. C.; RODRIGUES, H. B. C. (Orgs.). **Clio-Psyché paradigmas**: historiografia, psicologia, subjetividades. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2003. p. 291-320. Disponível em: <<http://www.cliopsyche.uerj.br/wp-content/uploads/Anais-X-Clio-B.pdf>>.

MARCHIORATO, L. Concepção de Educação – Quadro Comparativo. **PÁTIO – Revista Pedagógica**, ano 8, n. 31, ago./out. 2004.

MONTOAN, M. T. E. **Uma escola de todos, para todos e com todos: o mote da inclusão**. Departamento de Metodologia de Ensino, Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diversidade – LEPED, Faculdade de Educação - UNICAMP - SP. Disponível em: <<http://www.lite.fe.unicamp.br/>>. Acesso em: abr. 2021.

PIMENTA, S. G.; LIMA M. S. L. **Estágio e docência**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ROCHA, C. M.; QUEIROZ, R. D.; LIMA, N. N.; POMPILIO, S. G. R.; HENRIQUE, S. R. Atividade grupal à luz de Piaget e Vygotsky: contribuição para uma ação didática voltada a cursos de formação superior. **EFDeportes.com**, Buenos Aires, ano 17, n. 176, jan. 2013. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd176/atividade-grupal-a-luz-de-piaget-e-vygotsky.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

RODRIGUES, D. (Org.). **Inclusão e Educação**: doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: São Paulo Summus, 2006.

WERNECK, C. Inclusão: qualidade para todos. **Revista Nova Escola**, São Paulo, n. 123, p. 8-17, 1999.